



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Análise de Discurso em conceitos e procedimentos

Sinop, v. 13, n. 1 (32. ed.), p. 189-198, jan./maio 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEÇÃO ENTREVISTA

CONJUNTURA SÓCIO-HISTÓRICA, POLÍTICA E SOCIAL DO BRASIL: 23 anos da obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*

ENI PUCCINELLI ORLANDI

Esta Edição da Revista **Eventos Pedagógicos – REP's** – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - apresenta a Edição Especial Temática o Dossiê: **Análise de Discurso em conceitos e procedimentos**, que visa reunir estudos resultantes de pesquisas de Mestrado e Doutorado, que promovam compreensões em diversas áreas de conhecimento e diferentes materialidades, a fim de homenagear os 23 anos de publicação da obra **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** de Eni Puccinelli Orlandi, expoente maior da Análise de Discurso Pecheuxtiana no Brasil. Nesta entrevista, a autora fala sobre sua compreensão referente às mudanças que ocorreram entre o ano de publicação, 1999 e o ano atual, 2022. Assim, a escolha de nossa entrevistada, Dra. Eni Orlandi, deve-se às pesquisas e publicações na área de Análise de Discurso, realizadas nacional e internacionalmente, desde a década de 1970, principalmente, e de sua importância para as Ciências da Linguagem.

A Professora Eni Puccinelli Orlandi possui Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, SP; Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP); Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade de Paris/Vincennes; Foi docente na Universidade de São Paulo (USP) de 1967 a 1979, onde ensinou Filologia Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise de Discurso Pedagógico, introduzindo a Análise de Discurso na Pós-Graduação. De 1971 a 1974 ministrou a disciplina de Análise de Discurso no curso de Especialização em Tradução na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas. Atuou também como docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na

Unicamp, de 1979 a 2002. Implantou e coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), de 2002 a 2018. É pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, e professora colaboradora do IEL, da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora visitante da UNEMAT, atuando no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em teoria e análise linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem, história das ideias linguísticas, história das ideias discursivas, e jornalismo científico. É pesquisadora 1A do CNPq.

As pesquisas desenvolvidas pela entrevistada geraram e geram palestras, seminários, obras e artigos científicos publicados, tanto no Brasil, como no exterior. Tem livros e artigos (trabalhos/pesquisas) traduzidos em francês, italiano, espanhol, alemão, inglês e russo; obras por ela organizadas e, também, traduções. Destacamos algumas de suas obras: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso** (1983)¹; **Discurso e leitura** (1988)²; **Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo** (1990)³, traduzido para o francês (2011)⁴; **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos** (1992)⁵, que recebeu o prêmio Jabuti e que foi traduzida para o francês (1996)⁶, para o italiano (2016)⁷ e, recentemente, para o Espanhol⁸; **Discurso e texto** (2001)⁹; **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico** (2004)¹⁰; **Cidade dos sentidos** (2004)¹¹;

¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1983.

² ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez. Campinas: Unicamp, 1988.

³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista**. Discurso de confronto: velho e novo mundo. Campinas: Unicamp, 1990.

⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli. **La construction du Brésil – à propos des discours français sur la découverte**. Paris: L'Harmattan, 2011.

⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: nos movimentos dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 1992.

⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Les formes du silence**. Paris: Cendres, 1995.

⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Le forme del silenzio nel movimento del senso**. Roma: Aracne, 2016.

⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Las formas del silencio: en los movimientos de los sentidos**. Campinas: Unicamp, 2021.

⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

¹¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 2004.

Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia (2012)¹²; **Eu, Tu, Ele: discurso e real da história** (2017)¹³, dentre tantas outras. Além do destaque na liderança da Análise de Discurso, introduziu a História das Ideias Linguísticas no Brasil.

Esta entrevista é uma ação do Projeto de Pesquisa **Questões Urbanas em Linguagens** (QUeL - UNEMAT - Sinop), vinculado ao grupo de pesquisa: **Pesquisa, Educação e Estudos de Linguagem** (GEeL- UNEMAT - Sinop), coordenados pela Professora Dra. Cristinne Leus Tomé e também Editora desta edição.

Convidamos estudantes secundaristas, graduandos, pós-graduandos, pesquisadores e profissionais da educação básica e superior para conhecer um pouco mais sobre a Análise de Discurso através das palavras expostas nesta entrevista pela Professora Eni Orlandi.

Simone de Sousa Naedzold

1 – Simone de Sousa Naedzold: O livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** foi lançado em 1999, portanto há 23 anos, e todos os textos apresentados neste dossiê versam sobre o conteúdo de uma, duas ou das três partes a que o livro se divide. Como a senhora o percebe hoje? Quais as condições de produção de 1999 e quais seriam as atuais? Mudaria alguma coisa? Acrescentaria novos conceitos?

Eni Puccinelli Orlandi: As condições de 1999 eram bem distintas. Do ponto de vista do conhecimento, entretanto, este livro é um livro que busca estabelecer e elaborar princípios e procedimentos da Análise de Discurso. E *princípios* têm maior estabilidade que outros aspectos de uma teoria. Desse modo, penso que essa é uma de suas características que o tornam um livro sempre atual. Além disso, por ligar *procedimentos* de análise aos princípios, é um livro que se explicita de forma muito direta em seus objetivos analíticos. E isso é cumprido pela autora, na escrita e organização do livro. Quanto ao como o percebo, hoje, e se o mudaria, não tenho resposta. Hoje seria outro livro, certamente, porque a escrita é como tudo em

¹² ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

¹³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele: discurso e real da história**. Campinas: Pontes, 2017.

linguagem: não há repetição, mesmo na cópia. Sempre há deslizamentos, distinções, deslocamentos. Sendo um livro, então, os gestos de interpretação produziram, certamente, outra unidade significativa. Eu, como autora, hoje, também seria outra, e estou em outras condições de produção. Impossível responder, mesmo porque, só sei de um livro meu, depois que o escrevo. A escrita tem uma dinâmica própria que vai nos levando. Escrever é reescrever todo o tempo. Sempre que escrevo, deixo um tempo grande entre a escrita e a finalização. E a parte gostosa da escrita é voltar sobre o escrito e ir apurando direções, refazendo contornos, produzindo outros sentidos a partir dos sentidos já elaborados. Até um certo limite, que o próprio escrito (se) impõe.

2 – Simone de Sousa Naedzold: Neste livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, a senhora traz no capítulo II: Sujeito, História, Linguagens, conceitos muito importantes para a Análise de Discurso como polissemia, paráfrase, os esquecimentos, relações imaginárias, discursivas, de força, de sentido, Ideologia, sujeito e ainda esboça algumas informações sobre a incompletude. O que se ampliou em questões teóricas com relação a estes termos a partir de 1999?

Eni Puccinelli Orlandi: Na produção teórica tudo se amplia, o tempo todo. Não o conceito em si, eu diria, mas a percepção, a elaboração, a relação da análise com o conceito, e por aí vai. Nada fica parado no lugar, a cada retomada, seja para fazer teoria ou análise, na Análise de Discurso. E eu tenho o espírito inquieto. Também gosto de me mover no incerto, no latente, no múltiplo, no incompleto, não exato. Essas noções, algumas, como paráfrase e polissemia, a de sujeito, a de ideologia, já eram meu objeto de estudos e pesquisas mesmo antes de conhecer a Análise de Discurso, filiada a Pêcheux. Vinham de minha curiosidade científica sobre a linguagem, sobre processos de significação, e meu interesse pela questão do político, da vida em sociedade, da relação com o outro e com os outros, da minha concepção “histórica” da linguagem, e da reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento. Já elaborava sentidos para a relação paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente), mas a dimensão discursiva só elaborei ao ler o livro

Analyse Automatique du Discours de M. Pêcheux (1969)¹⁴. Daí iniciar minhas reflexões sobre relações imaginárias (la(b)), ou seja, imagem que o emissor (a) faz de seu interlocutor (b); da antecipação la(lb(a)), isto é, da imagem que o emissor (a) faz da imagem que o interlocutor (b) faz dele, emissor (a) etc. Imaginário pensado também quanto à projeção imaginária que se produz do *lugar social* do sujeito para sua *posição-sujeito no discurso*. As relações de força e de sentido, vieram junto. Já a noção de esquecimento, de ideologia pensada como produção de evidência, de transparência da linguagem fui adquirindo com o tempo. E não parei no que está dito no livro **Princípios e Procedimentos**. São noções perenes da teoria e análise de discurso, abertas para a reflexão por M. Pêcheux. Que não se esgotam. Ao contrário, nos enchem de interrogações. E estas vão-se desenvolvendo junto à teoria e às análises. A noção de incompletude me é muito cara. E eu a intuí, a partir de minhas leituras de Pêcheux, mesmo antes de tê-la tornado mais precisa nos anos 1990. Bem antes, em 1981 publiquei em um caderno da Folha de São Paulo, chamado **Folhetim**, um texto com o título: **A incompletude do sujeito – e quando o outro somos nós?**¹⁵ Este texto me deu grandes alegrias, pois foi aceito por Rodrigo Naves, diretor do Folhetim, sem mesmo me conhecer, pois enviei o texto por Correio. E, também, me trouxe dificuldades sensíveis, no meu lugar de trabalho, o Departamento de Linguística da Unicamp: os que não eram simpáticos à Análise de Discurso achavam absurdo falar em sujeito, em incompletude, em “outro”, na Linguística; e os que eram simpáticos à Análise de Discurso não viam com bons olhos que eu ousasse pensar por mim mesma. Mas eu continuei meu caminho, certa de que a incompletude era um assunto que podia dar muitos frutos. E deu. Continuei a explorar o assunto aqui e lá, e, bem depois, escrevi um texto sobre a fuga de sentidos que me foi sugerida pela noção de incompletude, do sujeito e do sentido. É sempre uma boa questão a se desdobrar em pesquisas e análises. Como a de meu projeto atual sobre “versões”, “reformulações”, “reescrita”. Sobre silêncio. Meu assunto maior. Mas, também, nesse capítulo II falo de história, ou melhor, da noção de “historicidade”, tal como a propus, nesse e em outros trabalhos, levada a

¹⁴ PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

¹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. A incompletude do sujeito – e quando o outro somos nós? **Folha de São Paulo**. Folha da Manhã, Folhetim, p. 4-5, 27 nov.1987.

distinguir essa noção, a de historicidade, do que se falava de história tanto na Linguística como nas Ciências Sociais. Mais que isso, o modo como a concebia discursivamente, pensando-a no interior do materialismo, da não transparência da linguagem, e na materialidade da ideologia. Continuei a desenvolver reflexões e análises que explicitaram, penso, com maior consequência questões como as do real da língua, o real da história e o real do processo de significação. Reflexão plena de consequências teóricas e analíticas. Porque, é preciso acentuar, uma das minhas preocupações, com este livro, era ligar princípios a procedimentos de análise. Que eram parcos, ainda nesta época. E foi uma tarefa, a que me dediquei, em várias de minhas atividades e escritos, a de estabelecer procedimentos, ou melhor, a produzir dispositivos analíticos eficientes nas análises de materiais discursivos os mais diversos. Não havia um modelo de análise. De acordo com Pêcheux, a própria produção de cada discurso tem seu ineditismo, o que faz com que, cada análise, embora se apoie em princípios e procedimentos, tenha, ela também, uma parte votada ao inédito, ao acontecimento. Essa abertura orientou a escrita desse livro.

3 – Simone de Sousa Naedzold: O capítulo III: Dispositivo de análise, é o mais pulsante, por trazer relações analíticas entre os conceitos abordados no capítulo II considerando que a Análise de Discurso não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em suas materialidades linguística e histórica. Como a senhora observa as análises dos analistas de discurso nos últimos 10 anos, principalmente. Os analistas consideram esses saberes em suas análises?

Eni Puccinelli Orlandi: Penso que os analistas, que formei, desde o início da prática da análise de discurso no Brasil, sempre observaram atentamente o real do processo de significação; não buscavam o sentido “verdadeiro”. É preciso dizer, por outro lado, que Pêcheux, em seu **Materialidades Discursivas**¹⁶, propõe o colóquio do *encontro* entre Linguistas, Psicanalistas e Historiadores pensando essa mistura de práticas, como diz ele (p. 23), que transportam, cada uma, suas marcas. Sem deixar de prevenir que a *adição ingênua* da Linguística à História e à Psicanálise em

¹⁶ CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIM, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (org.). **Materialidades discursivas**. São Paulo: Unicamp, 2016.

uma “teoria do discurso” não leva em consideração que, “entregar-se a esse fantasma unificador com seus efeitos universalizantes”, é uma maneira, teoricista, de “liquidar a questão das materialidades discursivas acreditando tê-las resolvido “em seu princípio”. Falar do real da língua, do real da história e do real do inconsciente não pressupõe uma teoria mais ou menos geral do objeto “discurso”, diz ainda Pêcheux (p.18). São terrenos, diz ele, de encontros problemáticos. E enfim diz algo que me marcou profundamente desde que li o **Materialidades Discursivas**: “De que nos protegemos, ao nos declarar linguistas, historiadores ou psicanalistas?” Com esta formulação, põe em questão esses limites, desconstrói as certezas da multidisciplinaridade, questiona o que é “encontro”, fala em “heterogeneidade irreduzível”, “ponto de fuga em direção a novas formas de acordo acadêmico entre disciplinas”. Ele parte dessas disciplinas, mas não nos fecha no seu interior, nem no interior de um seu amálgama. Parte do linguístico, mas o interroga continuamente. O que visa é propor outras questões que não as já tão “faladas, escritas, relatadas ou transcritas” (p. 24). E uma questão, que se repete em suas obras, ele retoma de J. M. Rey: “Sabemos o que é ler?”. Ao que ele responde com seu humor e maestria: “Como, então, não ir até o fim e não reconhecer que a pretensão de analisar discursos coloca necessariamente em jogo aquilo que eu chamaria se *tomar partido pela imbecilidade? Fazer o imbecil: isto é, decidir não saber nada do que se lê (...)*”. Certamente ele está falando da opacidade, da não-transparência, da materialidade, da historicidade da linguagem. Está afirmando a relação linguagem e ideologia. Pêcheux, mais do que parar no linguístico, contempla o simbólico. E quando afirma que a materialidade *específica* da ideologia é o discurso e a materialidade *específica* do discurso é a língua, está pontuando o lugar da língua e nos trazendo, ao mesmo tempo, toda a complexidade do que é trabalhar a língua, na Análise de Discurso, em sua materialidade. A questão aí posta é a da relação do real da língua e o real da história, mas é também a da relação linguagem e ideologia e o que daí deriva. Linguagem em sua dimensão ampla. Se, com a língua, trabalhamos a materialidade específica do discurso, o discurso, no entanto, não se reduz à língua, como ele mesmo afirma, quando insiste na relação da língua com a exterioridade. A questão fulcral para quem trabalha o discurso é a relação linguagem e ideologia, a relação do simbólico com o político, a relação com a exterioridade, as noções de processo e de funcionamento. E é nesse deslizamento que encontramos *outras* questões que são

próprias à Análise de Discurso. Tenho, atualmente, retomado e desenvolvido bastante a noção de argumentação e sua análise discursiva, assim como tenho repensado a noção de alteridade, que resulta em maiores detalhes, busca de nuances nos procedimentos analíticos. É assim que a Análise de Discurso vai-se fazendo.

4 – Simone de Sousa Naedzold: O livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** transformou-se em referência de leitura obrigatória para cursos de Graduação e Pós-Graduação. Os editais para ingresso em Mestrado e Doutorado na linha Estudos de Processos Discursivos de 2020 da Unemat *campus* de Cáceres indicaram somente esta sua obra como referência e em 2021, além desta sua obra, algumas de Pêcheux. A que se atribui tamanha importância?

Eni Puccinelli Orlandi: Penso que a importância resulta do próprio processo da escrita desse livro. Foi-me solicitada a feitura de um livro que fosse uma introdução à Análise de Discurso. Eu já havia escrito uma *introdução* à Linguística, o livro **O que é Linguística**¹⁷ da Coleção Primeiros Passos da editora Brasiliense. Com essa experiência – escrevi cinco versões desse livro antes de, enfim, ficar satisfeita com a versão que foi publicada – eu aprendi que uma introdução só pode ser feita por alguém que tem já muita experiência no domínio. Caso contrário – e é o que acontece muitas vezes – a tal introdução erra pelo simplismo e pela falta de visão de conjunto e de relações de sentidos que devem ser abertas, e não fechadas. E que contemple um leitor inteligente, capaz de estabelecer relações, objetivos e futuro para suas leituras a propósito do tema. A partir dessa minha compreensão, propus que este livro sobre Análise de Discurso não fosse uma introdução, mas tratasse de princípios teóricos e procedimentos analíticos. E, para efeitos de escrita, a partir de minha experiência na área como professora e pesquisadora, concebi o livro como uma sequência das 15 aulas que eu normal, e frequentemente, dava como curso de introdução à Análise de Discurso. E, um terceiro ponto, creio, que faz a característica importante desse livro: sentei-me e o escrevi sem parar, durante três ou quatro meses. Não houve interrupção, nem escrevi outro texto durante este

¹⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

período. Isso deu ao livro o sentido de continuidade, articulado ao exemplo que analiso e que é o mesmo através de toda a escrita do livro (*Vote com coragem/vote sem medo*). Era seu fio condutor. A formulação, as condições de produção, a conjuntura em que foi produzido, os sujeitos aí investidos etc. Eram as constantes. A unidade estava aí garantida. O que ia variando, ao longo do livro, eram conceitos, procedimentos, dispositivos etc. A importância tem a ver, pois, com a estrutura do livro, e, também, com seu acontecimento: ele traz tanto para a reflexão, como para a possibilidade de estimular para a pesquisa, o domínio do que é a Análise de Discurso, em seu conjunto e abrangência. Podendo haver desenvolvimentos a partir dele, já que ele se abre para essa perspectiva. É, ao mesmo tempo uma exposição de conceitos, noções, princípios teóricos, e procedimentos analíticos, e, também, expõe um fio condutor de questões. Isto lhe dá precisão e abertura ao mesmo tempo. Não são vagas noções, mas uma teoria bem-posta, bem explorada em seus princípios, e indicações precisas de procedimentos. Penso que realiza a qualidade que aprendi que uma iniciação deve ter: dirigir-se a um leitor ainda não experiente, mas inteligente. Confiar nos gestos de leitura que um escrito pode suscitar, quando feito para isso.

5 – Simone de Sousa Naedzold: Este Dossiê ‘Análise de Discurso em conceitos e procedimentos’ traz para discussão conceitos que estão sistematizados em **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Como a senhora observa estes movimentos de memória sobre seus escritos? Em referência ao Caso Exemplar apresentado, ‘Vote sem medo’ pode ser um enunciado para as eleições de 2022?

Eni Puccinelli Orlandi: Vejo com muito otimismo estes movimentos. Um texto que é bem frequentado, sempre, pode-se transformar, produzindo consequências, elaborações, ainda não exploradas, derivas, novas incursões teórico-metodológicas, e se prestar, também, à construção de outros dispositivos de análise. Quanto à questão do exemplo – *vote sem medo/vote com coragem* –, quando se vive a situação que estamos vivendo, de atentados à democracia, garantir a possibilidade de votar é a própria luta. Não tenho dúvida que a proposição de base, hoje, seria: *Vote!* Já que vivemos um retrocesso produzido por um governo de extrema-direita, que impede que se possa avançar, qualificando-se o voto. Basta uma declarativa

afirmativa: *VOTE!* Em um momento histórico em que, em meio a uma pandemia, até para o simples gesto que pode ser o de proteção da vida, ainda temos de ser convincentes, ao afirmar: *Vaccine-se!* Essa é a conjuntura sócio-histórica, política. Essas são as condições de formulação, em um momento em que se quer fazer retrocesso sobre voto impresso, alegando possibilidade de trapaça com o voto mais seguro que é o voto eletrônico, apagando, para isso, a própria memória. Estratégias para convulsionar as eleições, antes mesmo que aconteça. Votar já é uma transformação de nossa realidade política atual. Sobretudo mantendo-se o voto digital, desobedecendo as Fake News sobre o voto. Não há muito a dizer: *VOTE!*

Correspondência:

Simone de Sousa Naedzold. Doutoranda em Linguística (UNEMAT, Cáceres, MT). Professora da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC, MT), Escola Estadual Enio Pipino, Sinop, MT. Membro do Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Educação e Estudos de Linguagem (GEEL- UNEMAT - Sinop), e do Projeto de Pesquisa Questões Urbanas em Linguagens (QUeL - UNEMAT - Sinop), coordenados pela Professora Dra. Cristinne Leus Tomé. Membro do Projeto de Pesquisa Versões, reformulações, ressignificações: como funciona a linguagem, coordenado pela Professora Dra. Eni Puccinelli Orlandi. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: simone.naedzold@unemat.br

Eni Puccinelli Orlandi. Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade de Paris/Vincennes (1976). É pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e professora colaboradora do Instituto de Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora visitante da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), atuando como professora no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). É coordenadora dos Projetos de pesquisa: Versões, reformulações, ressignificações: como funciona a linguagem; A casa e a rua: uma relação social e política; Os sentidos de liberdade, em discurso(s): a materialidade da ideologia, o não compreensível, as distintas formas de interpretação dos sujeitos. É pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: enip@uol.com.br

Recebido em: 8 de outubro de 2021.

Aprovado em: 24 de março de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6291/4603>